

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11

Número 2

Dezembro 2022

A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO: OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS NA CONCEPÇÃO PAULINA

The doctrine of the atonement: the fundamental principles in the Paul conception

Esp. José Teixeira Lima¹

Me. Ulicélio Valente de Oliveira²

RESUMO

Deus visitou os seres humanos para trazer-lhes a salvação messiânica: a presença da ação expiatória de Deus em Cristo. Na proclamação das boas novas, os cristãos abordam sobre a morte de Cristo e seu papel na história da salvação, os vários títulos cristológicos, e a obra salvífica de Deus em Cristo. Não há como perceber a importância da obra expiatória de Cristo sem a perspectiva do mal. Os cristãos não têm dúvidas quanto à condição do homem, de estar sujeito ao pecado. Não é apropriado separar a morte e a ressurreição de Cristo, a fim de decidir qual dos dois eventos é o mais importante. Tanto a morte expiatória de Cristo como a sua ressurreição tem significados para a salvação dos pecadores. A vinda de Jesus trouxe expiação dos pecados humanos. Esta é a convicção dos cristãos: Jesus veio ao mundo para salvar o homem do pecado, e sua morte foi central nisso tudo.

Palavras-chave: Expição. Morte de Cristo. Pecado. Ressurreição. Salvação.

ABSTRACT

God visited humans to bring them the Messianic Salvation: the presence of atoning action of God in Christ. At the proclamation of the good news, Christians discuss about Christ's death and his role in salvation history, the various

¹ É graduado e especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Já pastoreou a Igreja Batista Atalaia e atualmente trabalha na FATEBE. E-mail: jose_tlima@hotmail.com.

² É graduado e especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Docente Acadêmico no Centro Missiológico Equatorial (CEME) e na Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Graduado em História pela UNISA e Doutorando pela IVY Enber Christian University. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com.

Christological titles, and the salvific work of God in Christ. There is no way to realize the importance of the atoning work of Christ without the prospect of evil. Christians have no doubts about the human condition, is subject to sin. It is not appropriate to separate the death and resurrection of Christ, in order to decide which of the two events is the most important. Both the atoning death of Christ as his resurrection has meant for the salvation of sinners. The coming of Jesus brought human atonement of sins. This is the conviction of Christians: Jesus came to this world to save humanity from sin, and his death was central in it all.

Key-word: Atonement. Christ's death. Resurrection. Sin. Salvation.

INTRODUÇÃO

Conforme Levítico 17.11, o princípio da expiação é representado pelo sangue (o princípio da vida). Pois, o sangue sobre o altar representava a punição simbólica diante de Deus. Desta maneira, os sacrifícios do AT trazem a compreensão de que a expiação pelo pecado deve ser pela substituição. O pecador deveria trazer uma oferta que adquiriu com certo preço, como substituto pela sua própria vida. Os sacrifícios oferecidos nos altares eram ineficazes (cf. 1Sm 15.22; Is 1.10-17; Am 5.21-24; Mq 6.6-8) para a remoção dos pecados, pois, eram repetidos dia após dia, demonstrando que eles não davam nenhuma resposta definitiva para o problema do pecado. Se o sacrifício de animais pudesse tirar pecados, não haveria necessidade de repetição, isto implicava em deficiência. O que se repete não pode ser completo, não tem em si o elemento de perfeição.

A deficiência do sacrifício de animais é revelada em Hebreus 10.4 (“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados”). Assim, estava indicada a substituição do sistema veterotestamentário do sacrifício de animais pela obra expiatória de Cristo. Na tentativa de contribuir com a construção do entendimento sobre o conceito e ideia específico sobre do sofrimento de Cristo, revelado pelos autores bíblicos, e interpretados pelos teólogos modernos, a preocupação deste artigo consiste em compreender a conceituação e natureza da expiação no AT e NT. Observa-se a expiação e seus efeitos e os princípios teológicos sobre a expiação na perspectiva do apóstolo Paulo.

1. DEFINIÇÃO E NATUREZA DA EXPIAÇÃO

Com o passar dos tempos, os sacrifícios expiatórios oferecidos pelo povo israelita evoluíram em seu conceito, ou seja, o sacrifício se tornou um meio pelo qual o homem pudesse aproximar-se de Deus pela santidade (cobrir o pecado), e posteriormente, pela substituição (resgate).

1.1 EXPIAÇÃO E O ANTIGO TESTAMENTO

De fato, não resta dúvida de que os sacrifícios expiatórios do AT parte da premissa que o ato iniciante provém de Deus. O Senhor ordenou: “Ninguém aparecerá vazio diante de mim” (cf. Êx 34.20; Dt 16.16). A revelação apresentada no AT foi iniciada quando Deus falou. Assim, a palavra falada introduziu a ação divina. Ele mesmo ensinou a nação israelita a se aproximar dele.

1.1.1 A palavra Kipper

No Antigo Testamento a palavra usada para expiar é *kipper* (também, conhecida como *kāpar*, “fazer expiação”, “fazer reconciliação”, “purificar”).³ Este termo não é empregado no grau simples (Qal), unicamente nos graus intensivos derivados como Piel. Assim, “a palavra hebraica *kipper* (no Piel) expressa a ideia de expiação do pecado pela cobertura do pecado ou do pecador”.⁴

³ HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 744.

⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: LPC, 1990, p. 344.

Na verdade, existe uma suposição de que a palavra hebraica signifique “cobrir o pecado” com base em uma associação de uma raiz árabe equivalente que significa “cobrir” ou “ocultar”.⁵ Pela expiação o pecado era encoberto e se estabelecia novamente a comunhão entre Deus e seu povo, que havia quebrado a mesma pela rebeldia contra a vontade de Deus.⁶ O conceito de *kipper* pode significar muito mais que encobrir o pecado. Por isso, vale a pena considerar a proposta conceitual do Dicionário Enciclopédico Bíblico:

kipper pode significar: 1) fora da linguagem sacerdotal: às vezes “aplar por um presente” (Gn 32.21; Pv 16.14; Is 47.11), mas geralmente “operar expiação” (por meio da vida de um homem ou de um animal: Êx 32.30; 1Sm 3.14; 2Sm 21.3), mas também “perdoar” (tendo Deus por sujeito: Jr 18.23; Sl 65.4; 78.38; 79.9); 2). Na linguagem sacerdotal (P e Ez 40-48): “operar a expiação por meio de um determinado rito”, p.ex, Lv 4.31-35; 5.6; 16.17, etc).⁷

O ensinamento no AT mostra que sacrifícios de animais não foram feitos para salvar pessoas dos pecados ou levá-las ao céu, mas eles preservavam a santidade da presença de Deus e o relacionamento com o seu povo. O ritual dos sacrifícios expiatórios no AT era um agente purificador a favor do ofertante cujo pecado (impureza) o manchava moral e ritualmente. Também, a favor do ofertante, os objetos do santuário eram purificados. Esta descontaminação dos objetos de culto tornava o ofertante puro, além de abrir o caminho para a reconciliação com Deus.⁸ Assim, a santificação no AT era alcançada por meio de um sistema de sacrifícios, onde o Senhor demonstrava a pecaminosidade humana, e os meios limitados e provisórios que adotara para restaurar o pecador à comunhão consigo mesmo.

1.1.2 O termo *kōper*

A noção do AT de expiação sofreu modificações com o ingresso de novas concepções. A relação do verbo *kipper* (ou *kāpar*) com o substantivo *kōper* (cf. Êx 21.30; 30.12) que significa “resgate”, mudou o conceito de expiação. “A grande maioria dos usos diz respeito ao ritual realizado pelos sacerdotes de aspergir o sangue sacrificial. Assim, “fazendo expiação” pelo adorador”.⁹

Assim, *kōper* traduz a expiação que se tornou possível mediante o oferecimento de um substituto. Os sacrifícios do AT trazem a compreensão de que a expiação pelo pecado deve ser pela substituição. O pecador deve trazer uma oferta que adquiriu com certo preço, como substituto pela sua própria vida. A vida da carne está no sangue, por isso o sangue dos animais sacrificados tomava em substituição a vida do ofensor. Isto acontecia simbolicamente, visto que o sangue dos animais representava a remissão da vida do transgressor. Por isso, o sangue sobre o altar do sacrifício era necessário para a purificação do pecador. Sobre isto, Paul Hoff escreve:

Levítico 17.11 é o texto-chave quanto à expiação: “a alma da carne está no sangue, pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas”. Isso quer dizer que Deus designou o sangue como sacrifício, provendo assim para a necessidade do homem. Que significa o sangue? Ele é considerado o princípio vital. Não tem significado em si mesmo senão como símbolo e demonstração de que se tirou a vida de um animal inocente para pagar pelos pecados do culpado.¹⁰

Em Levítico 17.11 encontra-se o princípio fundamental do sistema de sacrifícios judaicos, pois, o sangue representa a vida. E a vida tem de ser oferecida como expiação pelo pecado. A pecaminosidade humana conduz a morte. Esta morte é cancelada pelo sacrifício de um animal, pois, o sangue sobre o altar representava a punição simbólica diante de Deus. Assim, os israelitas deixaram de praticar o arrependimento, a fé, a justiça e a piedade. O coração do povo de Israel ficou endurecido pelo engano

⁵ HARRIS, 1998, p. 743.

⁶ BERKHOF, 1990, p. 345.

⁷ BORN, A. Van Den (Redator). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p. 541.

⁸ HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2006, p. 120.

⁹ HARRIS, 1998, p. 744.

¹⁰ HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2002, p. 158.

do pecado, sendo incapaz de perceber o que estava envolvido nos sacrifícios, além de não fazer uma escolha digna diante de Deus, quanto aos problemas do dia a dia. Pois, o pecado tem a capacidade de equivococar a avaliação sobre os propósitos de Deus.

1.2 O TEMO HILASTĒRION NO NOVO TESTAMENTO

Uma das deficiências do sistema mosaico de sacrifícios era a sua repetição, porque o que é completo não se repete. A repetição ensinava não somente a imperfeição da oferta como, também, o horror de pecado a reclamar uma satisfação plena. Tudo que se encontra nos sacrifícios do AT, com todas as limitações e temporariedades, se encontram de modo definitivo e perfeito, sem limitações em Cristo Jesus. Havia o sacrifício pelo sacerdote a cada dia, porque ele mesmo estava rodeado de fraquezas.

No NT, a palavra usada para expiação é *hilasterion*, que representa aquilo que expia ou propícia, meio de propiciação, propiciatório.¹¹ A Septuaginta (LXX) utiliza *hilasterion* cerca de 22 vezes para o termo hebraico *kapporet*, que pode ser traduzido como propiciatório ou assento de misericórdia.

Kapporet era a tampa da arca da aliança que permanecia no interior do “santo dos santos” do primeiro templo. Representava o sinal da misericordiosa presença de Deus entre seu povo.¹² O propiciatório era a tampa da arca da aliança, o lugar onde os requisitos de Deus eram satisfeitos, haja vista que o sangue do novilho sacrificado devia ser aspergido como propiciação pelos pecados do povo (cf. Lv 16.15). O sangue aspergido era o pagamento pelo pecado.

O conceito de expiação caracteristicamente israelita somente pode ser entendido dentro do fundo histórico de doutrina veterotestamentária da propiciação. Neste sentido, os sacrifícios expiatórios oferecidos em altares israelitas eram ineficazes para a remoção dos pecados (cf. 1Sm 15.22; Is 1.10-17; Am 5.21-24; Mq 6.6-8). Isto é revelado em Hebreus 10.4 (“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados”). Deste modo, estava indicada a substituição do sistema veterotestamentário do sacrifício de animais pela obra expiatória de Cristo.

Sendo assim, o termo *hilasterion* de Romanos 3.25 (a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por Deus, na sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos), contém uma alusão ao propiciatório do AT. Este era o lugar onde Deus perdoava os pecados do seu povo e exercia a Sua misericórdia.

A palavra no NT que é traduzida por propiciação nas traduções de João Ferreira de Almeida nas edições Revista Atualizada e Corrigida é *hilasterion*. Palavra usada na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) como tradução de *kapporeth*, que representava a tampa da arca que ficava no tabernáculo que é conhecida como propiciatório, a qual era aspergida com sangue no Dia da Expição.¹³

O Dia da Expição representava o ponto alto do culto veterotestamentário. De fato, o sangue do bode oferecido pelo pecado era aspergido sobre o propiciatório para tirar o pecado do povo. O sacrifício oferecido naquele dia, pelos pecados do povo, prefigurava Cristo. A obra de Cristo redimiu os pecadores pela remissão, pagando um preço pelo seu precioso sangue.

Quando o apóstolo Paulo diz que Deus apresentou Cristo como *hilasterion*, quis dizer que, mediante o sacrifício substitutivo de Cristo na cruz do Calvário, a ira de Deus contra nossos pecados estava sendo retida e nossa culpa estava sendo removida. Assim, “o versículo de Romanos 3 evoca quase, que inevitavelmente esse ato expiatório ao chamar a Cristo crucificado o *hilasterion* em virtude

¹¹ COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1945.

¹² COENEN, 2000, p. 1953.

¹³ HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela Graça**: doutrina bíblica da salvação. Tradução de Wadislau Gomes Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 160.

de seu sangue”.¹⁴

O sangue de Cristo fora oferecido sem defeito, sem mácula, perfeito para a purificação e pagamento da penalidade do pecado. Este pagamento foi aceito por Deus. Leonhard Goppelt escreve que:

Em Rm 3.25, a referência a Lv 16 é implícita à terminologia empregada. Hb 8-10 expõe essa relação explicitamente (9.7, 11-14, 24-28; 10.3). Naquela passagem, Cristo é o sumo sacerdote que oferece o próprio sangue a Deus. Nessa ele representa a tampa da expiação na qual Deus recebe seu sangue. Provavelmente ambos se basearam na mesma tradição – uma interpretação tipológica da morte de Jesus com auxílio de Lv 16 (...) Aliás, há vários indícios de que Paulo está trabalhando com elementos da tradição em Rm 3.25.¹⁵

Jesus Cristo foi feito propiciação (*hilasterion*), isto é, o seu sangue foi “espiritualmente” aspergido sobre a arca da aliança para aplacar a ira de Deus contra os homens por causa de nossos pecados. Ele o fez de uma vez por todas. No entanto, jamais é dito que Cristo, pelo seu sacrifício, transformou um Deus irado num Deus de amor. “Paulo diz que Deus *apresentou* Cristo como sacrifício de expiação por nós. Isto é: o próprio Deus providenciou o sacrifício propiciatório. Por trás da obra de Cristo está o amor de Deus”.¹⁶ Este é o surpreendente amor pelo qual fomos redimidos. Assim, quando uma pessoa crê na pessoa e obra de Jesus Cristo como único salvador, o ato de propiciação é aplicado a ela pela fé, isto é, crendo que o sangue de Cristo é o único meio de aplacar a ira divina, fazendo com que esta aspersion seja eficaz no seu caso.

A expiação feita por Jesus era a única forma de aplacar a ira de Deus por causa do pecado dos homens. Assim, o sangue de Cristo foi derramado para libertar o homem do domínio do pecado, para justificar o homem diante de Deus como se nunca tivesse cometido um único pecado (cf. Rm 5.9). Agora, no conceito neotestamentário (*hilasterion*), Jesus realizou a obra da expiação dos pecados para manifestar a justiça de Deus. Por isso, Paulo em sua afirmação “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (cf. Rm 3.25), ensina que Cristo obedeceu e sofreu em nosso lugar para satisfazer a Vontade de Deus, alcançando o perdão pela culpa do pecado.

Na verdade, os sacrifícios do AT eram tipos e sombras do grande sacrifício que estava ainda por vir, o sacrifício de Cristo na cruz do calvário que perfeitamente (não simbolicamente) tira os pecados do mundo. O ato expiatório de Cristo tem como fonte a graça de Deus, o Seu desejo de aplicar a sua bondade sobre a humanidade. Ele o fez por meio de Cristo, o autor da redenção. Deus o fez propiciação, o fez *hilasterion*.

Alguém poderia perguntar: por que Deus esperou tanto tempo para fazer isto? E por que só por meio de Cristo? A resposta de Paulo explica que só por meio de Cristo, Deus poderia ser justo e justificador, isto é, se Deus não tivesse providenciado um sacrifício expiatório que realmente fosse eficaz para pagar pelo erro da raça humana, ele não poderia salvar nenhum homem. Era necessário providenciar um sacrifício para que se instalasse no universo um princípio de justiça. Não é possível salvar o culpado à revelia da justiça.

Ao mandar Cristo para cruz, Deus tornou possível a salvação do ser humano sem incorrer em injustiça, pois, a salvação do homem se sustenta no sacrifício de Jesus. Por causa do sacrifício expiatório de seu Filho, Deus, que é justo, sem abdicar de sua justiça pode ser justificador do homem.

2. EXPIAÇÃO E SEUS EFEITOS

Em relação ao propósito da expiação se deve considerar que ela foi destinada a contribuir na

¹⁴ GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2002, p. 340.

¹⁵ GOPPELT, 2002, p. 341.

¹⁶ HOEKEMA, 2002, p. 160.

relação de Deus com o pecador, no estado e na condição de Cristo como o Autor Mediador da salvação, e no estado e na condição do pecador.

2.1 COM REFERÊNCIA A DEUS

O motivo pelo qual a propiciação foi necessária é que o pecado suscita a ira de Deus, assim, ele ofereceu-se a si mesmo. Ao dar o seu Filho, Ele estava dando a si mesmo e através desse ato de amor, libertou os pecadores da ira e do juízo divino. “Isso, de modo algum não tem de ser interpretado como a transformação da ira de Deus em amor”.¹⁷ O sentimento de Deus (o amor) para os homens jamais necessitou mudar, mas o tratamento de Deus com referência aos pecadores, ou seja, o relacionamento prático (separados pelo pecado, mas reconciliados em Cristo) de Deus para os pecadores esse teve de mudar.

“Deve-se salientar primeiramente que a expiação não efetuou mudança alguma no interior de Deus, que é imutável. A única mudança que foi produzida foi uma mudança na relação de Deus com os objetos do seu amor expiatório”.¹⁸ Tal relação é baseada na reconciliação, como está escrito: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (cf. 2Co 5.19), ou em outro lugar: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (cf. Rm 5.10).

A obra expiatória de Cristo não transforma a ira de Deus em amor. Ela é a própria reconciliação. Sobre os efeitos da propiciação em relação a Deus, John Stott esclarece:

Deus não nos ama porque Cristo morreu por nós; Cristo morreu por nós porque Deus nos amou. É a ira de Deus que necessitava ser propiciada, é o amor de Deus que fez a propiciação. Se pudermos dizer que a propiciação “mudou a Deus” ou que por meio dela ele mudou a si mesmo, esclareçamos que a sua mudança não foi da ira para o amor, da inimizade para a graça, visto que o seu caráter é imutável. O que a propiciação mudou foi os seus tratos para conosco.¹⁹

O próprio Deus, que tomou o lugar dos pecadores na cruz, para que a substituição fosse eficaz e pudesse assegurar a reconciliação dos pecadores com o Deus justo. Somente Deus, Senhor e Criador, poderia colocar-se como segurança do pecador, tomando o seu lugar, sofrendo a morte em seu lugar como consequência de seus pecados de tal modo que ela fosse finalmente sofrida e vencida.

Na verdade, ao mesmo tempo em que se reconhece que a cruz é a obra de um Pai amoroso, tem que reconhecer que a necessidade da expiação é vista à luz da ira de Deus em oposição ao pecado. Não há mudança em Deus, o que existe é de que a morte de Cristo resolveu o problema do pecado humano e reconciliou os homens com Deus trazendo-lhes a comunhão. “Ele se reconciliou com aqueles que eram objetos da sua ira judicial. Significa que a sua ira foi desviada pela cobertura sacrificial do pecado deles. A expiação não deve ser descrita como a motora do amor de Deus, pois já foi uma expressão do seu amor”.²⁰

2.2 COM RESPEITO A CRISTO

Na forma de sua carreira terrena, Jesus era o Filho de Deus em fraqueza pela humilhação. Mas, também, Jesus foi designado Filho de Deus em poder no domínio do Espírito, por intermédio da ressurreição. “A expiação assegurou a multiforme recompensa para Cristo como o Mediador. Ele foi constituído Espírito vivificante, fonte inexaurível de todas as bênçãos da salvação para os pecadores”.²¹ O próprio Deus “apresentou” ou “propôs” a Jesus Cristo como sacrifício propiciatório (cf. Rm 3.25).

¹⁷ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Junior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 586.

¹⁸ BERKHOF, 1990, p. 361.

¹⁹ STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 155.

²⁰ BERKHOF, 1990, p. 361.

²¹ BERKHOF, 1990, p. 361.

Não é que tenhamos amado a Deus, mas que Ele nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

Jesus humilhou-se a si mesmo (ao tornar-se humano, ao entrar no caminho da humilhação que o levou a morte, o divino Filho de Deus esvaziou-se), em obediência até a morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e o elevou a condição de Senhor sobre toda a criação. Cristo recebeu a plenitude daqueles dons e graças que Ele confere ao seu povo. No Salmo 68.18, está escrito: “Subiste às alturas, levaste cativo o cativo; recebeste homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o Senhor Deus habite no meio deles”. O apóstolo Paulo aplica esta passagem a Cristo em Efésios 4.8 (“Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens”).

O pecado e a morte andam juntos (cf. Rm 1.32; 6.16,21; 7.13), mas a morte foi derrotada pela obra salvadora de Cristo (cf. 1Co 15.26). O pecado não é algo normal e aceito por Deus (cf. Rm 1.8). Diante do pecado, o cristão não vê Deus como alguém neutro ou incapaz de intervir a toda forma do mal. Deus se opõe por intermédio de sua “ira” (cf. Rm 2.5-9; 1Ts 1.10; Ef 2.3; 5.6; Cl 3.6). Portanto, a morte de Cristo representou o triunfo sobre os poderes cósmicos.²²

2.3 EM RELAÇÃO AO PECADOR

Enquanto, os escritos judaicos equivocadamente promovem a lei como meio de salvação. Os judeus acreditavam que o estudo da lei e suas práticas eram suficientes para salvação, contudo, a função da lei é deixar claro o que é pecado. A lei mostra às pessoas que elas são pecadoras. A lei não pode atuar para trazer salvação, somente a obra salvadora de Cristo.

Sobre o efeito da obra expiatória de Cristo em relação ao pecador, Berkhof escreveu:

Ela assegurou para aqueles a favor dos quais foi feita: (1) Adequada posição judicial mediante a justificação. Isto inclui o perdão de pecados, a adoção de filhos e o direito a uma herança eterna. (2) A união mística dos crentes com Cristo por meio da regeneração e da satisfação. Isto abrange a gradual mortificação do homem velho, e o gradual revestimento do homem novo, mediante Jesus Cristo. (3) Sua bem-aventurança final, em comunhão com Deus, mediante Jesus Cristo, na glorificação subjetiva e no gozo da vida eterna, numa nova e perfeita criação.²³

Jesus Cristo obteve a vitória definitiva, trouxe libertação para os pecadores. “A expiação não somente tornou a salvação possível para o homem, mas de fato a garantiu”.²⁴ Cristo crucificou a carne e as suas paixões (cf. Gl 5.24), e os cristãos que estavam na carne são livres (cf. Rm 7.5). A morte de Cristo libertou os pecadores da escravidão da lei (cf. Rm 7.6), porém, isso não significa que a liberdade é sinônimo de libertinagem, pelo contrário, somos livres para obedecer a essa perfeita lei (cf. Rm 7.7,12,14). A ira de Deus não paira mais sobre os cristãos remidos pelo sangue de Cristo (cf. Rm 5.9; 1Ts 5.9).

Os cristãos foram libertos de todas as forças e poderes que os escravizavam (cf. Cl 2.15; Gl 4.3), e o julgamento divino não precisa ser temido, pois em Cristo não há condenação (cf. Rm 5.17), e sim justificação para a vida eterna. Este é um termo legal. Ele consiste em um veredicto de absolvição, isto é, uma declaração da inocência: declaração de ser o homem justo (cf. Rm 3.24; 5.9; Tt 3.7).

A expiação feita por Cristo foi um ato de justiça, uma demonstração que Deus era de fato um Deus justo, pois, a sua justiça foi manifesta em Cristo. Logo, a justificação do pecador é em si mesma, a declaração de Deus, o justo juiz de que aqueles que creem em Cristo, embora pecadores, sejam considerados justos, uma vez que em Cristo passaram a desfrutar de um correto relacionamento com Deus. A fé é o meio pelo qual a obra expiatória de Cristo é apropriada individualmente. Representa a renúncia de qualquer esforço em justificar-se a si mesmo, e uma absoluta confiança na obra de Cristo

²² LADD, 2003, p. 597.

²³ BERKHOF, 1990, p. 362.

²⁴ BERKHOF, 1990, p. 361.

em sua expiação. Está evidente que a justiça imputada é o que mais conta. Não é a fé em si, mas a justiça sobre a base da fé. Justiça completamente separada do mérito humano.²⁵

Em suma, o próprio Deus que, em seu santo amor, resolveu fazer a propiciação na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, que morreu pela propiciação dos pecados. Assim, Deus tomou a iniciativa amorosa de apaziguar sua própria ira condenando seu próprio Filho ao tomar o lugar dos pecadores e morrer eficazmente pelos eleitos. Assim, Deus o fez propiciação, o fez *hilasterion* (Rm 3.25).

3. OS PRINCIPAIS INDICADORES DA EXPIAÇÃO

De que modo a igreja elabora suas mensagens sobre expiação feita por Cristo? E como este discurso é utilizado na participação e crescimento do Corpo de Cristo? Na tentativa de contribuir com a construção do conceito e ideia de expiação, são descritos alguns princípios sobre o ensino da expiação. Estes beneficiarão um estudo específico sobre o conceito do sofrimento de Cristo, revelado pelos autores bíblicos, e interpretados pelos teólogos modernos. Conforme, os ensinamentos bíblicos sobre a expiação feita por Cristo se podem destacar alguns principais indicadores.

3.1 A EXPIAÇÃO É RESULTADO DA AÇÃO DE DEUS, COM BASE NA FÉ EM JESUS CRISTO

É inegável que Deus esteve atuando, durante todo o tempo, na obra expiatória de Cristo, a fim de torná-la a manifestação de sua justiça e amor. Sobre a expiação de Cristo, Wayne Grudem disserta sobre o assunto da expiação de forma bem pedagógica

Portanto, o amor e a justiça de Deus foram a causa última da expiação. No entanto, não nos ajudará em nada perguntar qual dos dois é mais importante, pois sem amor de Deus, ele nunca teria dado nenhum passo para nos redimir, mas sem justiça de Deus, não teria sido cumprida a exigência específica de que Cristo obtivesse nossa salvação morrendo pelos nossos pecados. Tanto o amor como a justiça de Deus foram igualmente importantes.²⁶

O apóstolo Paulo declara na epístola aos Romanos 3.25-26 que, para Deus ser justo e ainda assim salvar as pessoas, necessitava enviar Cristo para receber o castigo pelos pecados, pois

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

A justiça de Deus se realizou na cruz. Em um breve exame sobre a justiça de Deus, John Stott escreveu:

É por isso que Deus permitiu, por assim dizer, que os pecados se acumulassem no tempo do Antigo Testamento sem ser punidos (como mereciam) ou perdoados (visto ser “impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados”) (...) O motivo da inação anterior de Deus em face do pecado não era indiferença moral, mas tolerância pessoal até que Cristo viesse e o removesse na cruz. A passagem clássica sobre esse tema é Romanos 3.21-26.²⁷

Deus ao levar Cristo à cruz, não somente condenou o pecado, mas também defendeu e demonstrou a sua própria justiça. A expiação dos pecados era fundamental à justificação dos homens. Deus foi capaz de conceder a posição justa aos injustos sem comprometer sua própria justiça. Assim, Ele demonstrou sua justiça, executando publicamente em Cristo.

A morte expiatória de Cristo foi um ato de justiça, uma demonstração que Deus era de fato um Deus justo, pois, a sua justiça foi manifesta em Cristo. Logo, a justificação do pecador é em si mesma,

²⁵ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida, 2003, p. 84.

²⁶ GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 472.

²⁷ STOTT, 1991, p. 187.

a declaração de Deus, o justo juiz de que aqueles que creem em Cristo, embora pecadores sejam considerados justos, uma vez que em Cristo passaram a desfrutar de um correto relacionamento com Deus.²⁸

O fundamento da justificação não consiste na obediência a nomos/lei mosaica, mas, na morte de Cristo (Rm 3.21-26). Enquanto, o meio pelo qual a justificação se torna eficaz para o indivíduo é a fé em Cristo (Rm 3.24-25). A fé é o meio pelo qual a obra expiatória de Cristo é apropriada individualmente. Representa a renúncia de qualquer esforço em justificar-se a si mesmo, e uma absoluta confiança na obra de Cristo em sua morte. Está evidente que a justiça imputada é o que mais conta. Não é a fé, mas a justiça sobre a base da fé. Justiça completamente separada do mérito humano.²⁹

Pela fé em Cristo, se aguarda a absolvição divina do pecado no dia do juízo final (Gl 5.5). A absolvição já foi executada pela morte expiatória de Cristo e pode ser recebida pela fé no presente, aqui e agora. “A fé que é posta em relação à justificação não é a fé geral em Deus, muito menos ainda é alguma fé sem conteúdo bem definido e inteligível, é a fé dirigida à pessoa de Cristo”.³⁰ O julgamento futuro tornou-se uma experiência presente. Em Cristo, o futuro tornou-se presente. O pecador em Cristo agora está na posição de um homem justo e mantém comunhão com Deus. A doutrina da expiação representa que Deus pronunciou a absolvição sobre o homem que tem fé em Cristo no presente, antecipando o juízo final.

Paulo de Tarso em Romanos certifica que “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). E então, a manifestação do amor de Deus indica que de acordo com a vontade do Pai, a expiação de Jesus, o Filho, era absolutamente necessária. “Paulo diz que Deus apresentou Cristo como sacrifício de expiação por nós. Isto é: o próprio Deus providenciou o sacrifício propiciatório. Por trás da obra de Cristo está o amor de Deus”.³¹

O amor de Deus pelos seres humanos, revelado na reconciliação, não deve ser interpretado como o momento em que o indivíduo crê em Cristo e descobre que sua atividade para com Deus sofre mudança de inimidade em amor. Na realidade, a manifestação é a prova de que o amor de Deus aconteceu antes mesmo quando ainda éramos pecadores e estávamos em um estado de hostilidade contra ele (Rm 5.8). Deus realizou a obra expiatória de modo que pudesse conferir aos seres humanos todas as dádivas de seu amor. “Está claro que, para Paulo, a prova final do amor de Deus pelos homens foi a cruz. Claramente, a expiação não é uma questão em que Cristo toma a iniciativa, enquanto o Pai adota um papel passivo”.³² A cruz não é apenas a medida do amor de Cristo, mas do próprio Deus (2Co 5.19; Rm 5.8). Não há diferença, o amor de Deus é o amor de Cristo, e vice-versa (Gl 2.20; 2Co 5.14; Ef 5.25).

Negar a superioridade da expiação de Cristo com base em sua divindade e humanidade é negar a existência de Deus. Este é o grande perigo da incredulidade, da qual sofrem os homens sem o Amor de Deus. Na verdade, o reconhecimento do caráter propiciatório, substitutivo da morte de Cristo não deve levar ninguém “a negligenciar ou menosprezar a doutrina de que a morte de Cristo, como uma demonstração do amor divino, esteja designada a desencadear uma reação amoroso nos corações humanos”.³³

Assim, o amor de Cristo revelado em dar-se a si mesmo como um sacrifício expiatório a Deus deve ser imitado pelo andar em amor (Ef 5.2). Claras são as orientações do apóstolo Paulo em relação a conduta dos cristãos, no que se refere às necessidades dos seus semelhantes. Tanto assim que ele

²⁸ LADD, 2003, p. 594.

²⁹ MORRIS, 2003, p. 84.

³⁰ MURRAY, John. **Romanos**. São Paulo: Fiel, 2003, p. 138.

³¹ HOEKEMA, 2002, p. 160.

³² LADD, 2003, p. 587.

³³ LADD, 2003, p. 594.

escreveu: “... antes pelo amor servi-vos uns aos outros, pois, toda a lei se cumpre numa só palavra, a saber: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5.13,14). E acrescenta: “então, enquanto temos oportunidade, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gl 6.10). como se observa, o amor é a base da vida cristã, ele escrevendo a comunidade de Corinto falou da importância do amor.

3.2 A EXPIAÇÃO É FUNDAMENTADA SOMENTE EM CRISTO, CONFORME O CUMPRIMENTO DE SUA MISSÃO

Jesus era incansável no cumprimento de sua missão. Ele mesmo submeteu-se à vontade do Pai e realizou o seu propósito expiatório. Paulo é cuidadoso ao mostrar que o sacrifício de Cristo serviu de substituto pelos pecados dos homens: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.14-15).³⁴

Assim, Deus promoveu graciosamente a salvação que a humanidade era incapaz de obter por meio de seus próprios esforços. Se a salvação fosse dependente da obediência à lei, então a fé em Cristo não teria lugar no plano divino. Mas, a autossalvação é impossível, pois, a morte expiatória de Cristo foi substitutiva, ou seja, ela tomou o lugar dos pecadores na cruz, de sorte que a lei não mais tem força para acusar. Os pecadores estão libertos “mediante o corpo de Cristo” (Rm 7.4). Ele morreu a nossa morte, por nossa causa e em nosso lugar, esse é o real sentido da expiação de Cristo.

As dívidas com Deus somente foram eliminadas com o sacrifício expiatório de Cristo. Jesus fez a obra substitutiva completa. Ele não apenas morreu por todos nós, mas morreu em nosso lugar. Louis Berkhof fala que a substituição feita na cruz foi que:

(...) Cristo tomou voluntariamente o lugar dos pecadores, de sorte que esta substituição não envolve nenhuma injustiça da parte de Deus. Se Deus tivesse agido somente pela estrita justiça, e não por compassivo amor e misericórdia, teria deixado o pecador perecer em seu pecado.³⁵

Ao submeter-se espontaneamente ao julgamento de Deus sobre o pecado, Jesus livrou o homem do mesmo juízo. A morte de Cristo não foi o resultado de seu próprio pecado ou culpa, ela foi sofrida no lugar dos pecadores, que eram culpados e merecedores de morte. Em sua expiação, Cristo obteve a vitória definitiva em sua missão, pois, trouxe libertação para os pecadores. O salvo em Cristo está livre da lei, do pecado e da morte.

A morte expiatória de Cristo libertou os pecadores da escravidão da lei (Rm 7.6). Só Cristo cumpriu todas as exigências da nomos, isto representa que foi esgotado tudo que a lei pedia, do começo ao fim nEle. Por isso é que o apóstolo Paulo ensinou: “pois Cristo é o fim da lei para justificar a todo aquele que crê” (Rm 10.4). Assim, Jesus fez a obra completa por todos os homens na cruz. Sua expiação anulou para sempre o escrito da dívida que era cobrada e que constava de leis e ordenanças que o pecador não podia cumprir. Cristo é o fim da lei, tudo apontava para Ele.

Cristo crucificou a carne e suas paixões (Gl 5.24), e os cristãos que estavam na carne são livres (Rm 7.5). A ira de Deus não paira mais sobre os cristãos (Rm 5.9; 1Ts 5.9). Os cristãos foram libertos de todas as forças e poderes que os escravizavam (Cl 2.15; Gl 4.3), e o julgamento divino não precisa ser temido pelos salvos. Em Cristo não há nenhuma condenação (Rm 5.17), e sim justificação. A justificação consiste em um veredicto de absolvição, isto é, uma declaração da inocência: declaração de ser o homem justo (Rm 3.24; 5.9; Tt 3.7).

Jesus cumpriu sua missão expiatória por todos os homens na cruz. Agora pela fé, os cristãos pertencem ao Cristo vivo e glorioso que venceu a morte e deu vida eterna. Há uma nova condição de

³⁴ LADD, 2003, p. 590.

³⁵ BERKHOF, 1990, p. 350-351.

vida para os cristãos, uma nova orientação. Não é mais necessária a lei, nem sua orientação. Os cristãos, agora, vivem sob a lei do Espírito de vida “porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, nos livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2).

3.3 A EXPIAÇÃO LEVOU A IGREJA A UM POSICIONAMENTO, DIRECIONADO PELO ESPÍRITO DE DEUS

A Palavra de Deus declara definitivamente ter a igreja sido posta por esteio e coluna da verdade do mundo (cf. 1Tm 3.15). A igreja não pode ignorar a sua responsabilidade espiritual e social em seu ministério aos homens no mundo.

Paulo de Tarso, apóstolo dos gentios, afirmou que para Deus não havia gregos, nem gentios, nem judeus, mas, que Cristo uma vez morreu por todos (Rm 8.32; 2Co 5.15); para Deus não existem diferenças ou obstáculos, ou limites nacionais, que impeçam a proclamação do Evangelho. Deus anulou o poder do pecado com a expiação de Cristo. Agora, “com a sua operação especial, o Espírito Santo sobrepuja e destrói o poder do pecado, renova o homem à imagem de Deus e o capacita a prestar obediência espiritual a Deus, a ser sal da terra, a luz do mundo e um fermento espiritual em todas as esferas da vida”.³⁶

Os antigos sacrifícios tinham o seu lado ritualístico, legal e prático, uma vez que no Tabernáculo ou no Templo, cada um oferecia o seu sacrifício de acordo com as suas posses e posição, sendo que todos tinham de oferecer sacrifícios. Porém, o sacrifício expiatório de Cristo uniu todos debaixo da designação de pecadores, porque “todos pecaram” (Rm 3.23). Todos os homens são igualmente pecadores, todos se extraviaram e sobre os termos de Rm 3.23 John Murray afirmou:

A cláusula “todos pecaram” (v.23) encara o pecado de cada ser humano como “um fato histórico do passado” (Meyer, ad loc.). O tempo verbal empregado abrange todo aspecto no qual possa ser contemplada a pecaminosidade da raça humana; e não seríamos capazes de defender a ideia de que tal declaração se restringe ao pecado de Adão e ao envolvimento de sua posteridade (cf. 5.12). O interesse do apóstolo, nesta altura, é afirmar que, sem importar as diferenças que existem entre os membros da raça, no tocante ao agravamento que intensifica a pecaminosidade de cada um, todos eles, sem exceção ou discriminação, encontram-se na categoria de pecadores (cf. vv. 9-10).³⁷

Cristo ofereceu um sacrifício só para todos. Um sacrifício suficiente, pois, o sangue derramado na cruz torna todos os homens iguais. Portanto, não há diferença quanto a cor da pele, posição social, nacionalidade. A parede de separação feita pelo pecado foi derrubada de forma definitiva. Jesus derrubou a parede de separação da lei e das ordenanças (Ef 2.14-15). No NT é demonstrada a ideia de progresso em relação ao AT, pois, não existem classes de pecadores, não há distinção. A expiação de Cristo é suficiente em si mesmo para cobrir todos os pecados.

De fato, Jesus realizou em seu sacrifício de uma vez por todas, a salvação de todo aquele que nele crê. Desta forma, Cristo se constituiu o intercessor e mediador da nova aliança e o novo e vivo caminho a Deus. Daí a permanência do sacrifício expiatório de Jesus para sempre, sem sombra de variação, sem mudança. Ao contrário das coisas criadas no AT as quais são temporais, passageiras.

A partir desses novos valores a fórmula da fé é apresentada para a igreja: “um só coração e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos” (Ef 4.4-6). Assim, o preconceito de Pedro foi quebrado pela manifestação do Espírito Santo, e este, e somente este, é capaz de abrir portas de um coração fechado pelo preconceito e petrificado pela aceção de pessoas: “Reconheço, por verdade, que Deus não faz aceção de pessoas” (At 10.34). As reservas do apóstolo Pedro não eram exatamente as reservas do coração de Deus.

³⁶ BERKHOF, 1990, p. 393-394.

³⁷ MURRAY, 2003, p. 139.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível transferir a culpa de nossos pecados a Cristo? Quando o apóstolo Paulo escreveu que Deus apresentou Cristo como *hilasterion*, quis dizer que, mediante o sacrifício substitutivo de Cristo na cruz do Calvário, a ira de Deus contra nossos pecados estava sendo retida e nossa culpa estava sendo removida. Assim, o versículo de Romanos 3 evoca quase, que inevitavelmente esse ato expiatório ao chamar a Cristo crucificado o “*hilasterion* em virtude de seu sangue. A expiação feita por Jesus era a única forma de aplacar a ira de Deus por causa do pecado dos homens. Assim, o sangue de Cristo foi derramado para libertar o homem do domínio do pecado, para justificar o homem diante de Deus como se nunca tivesse cometido um único pecado (Rm 5.9). Agora, no conceito neotestamentário (*hilasterion*), Jesus realizou a obra da expiação dos pecados para manifestar a justiça de Deus. Por isso, Paulo em sua afirmação “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (Rm 3.25), ensina que Cristo obedeceu e sofreu em nosso lugar para satisfazer a Vontade do Pai, alcançando o perdão pela culpa do pecado.

A concepção teológica revela que a expiação tem dupla manifestação: na era presente, o pagamento da dívida do pecado; e no futuro, de forma absoluta, o pagamento total e definitivo do pecado. Desta maneira, o estudo estabeleceu que por causa e por intermédio de Jesus Cristo, seu sofrimento substituiu o nosso, diante de Deus. Assim, a expiação não é restritiva ao povo de Israel, pois, tornou-se universal, podendo ser alcançada por toda e qualquer pessoa que receba pela fé, a mensagem de Cristo. A vinda de Jesus Cristo trouxe expiação dos pecados humanos. Esta foi à convicção dos cristãos da igreja primitiva. Eles não tiveram dúvidas quanto à condição de pecadores, e a presença da ação expiatória de Deus em Cristo. Eles sabiam que o dia do julgamento serviria de teste, salvação para todos que acreditaram na sua obra expiatória, e condenação para os incrédulos.

Na proclamação das boas novas, os cristãos devem abordar sobre a obra expiatória de Deus em Cristo, sua morte e seu papel na história da salvação. Se deve apregoar que a ação expiatória de Cristo se resume no amor. Este é visto como elemento fundamental na morte expiatória de Cristo, pois, foi pelo amor de Cristo que Deus trouxe remissão dos pecados. Esperança para pessoas que estavam desesperadamente necessitadas de Amor e Salvação. Uma árdua atuação do amor de Deus foi o ato expiatório de Cristo, Seu filho amado. Este trouxe salvação aos pecadores e uma realidade gloriosa que preserva os cristãos no caminho certo. O sacrifício expiatório de Cristo cumpriu com as exigências de Deus, estando acima do sistema Levítico baseado por sacrifícios de animais. A manipulação do sangue era a base dos sacrifícios, sendo o sangue de Cristo à oferta expiatória perfeita que retira o pecado do mundo.

Na tentativa de contribuir com a construção do conceito e ideia de expiação, se deve ter cuidado com a doutrina bíblica da expiação: “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”. Esta beneficia um estudo específico sobre o conceito do sofrimento de Cristo, pois, o pecador agora está na posição de um homem justo e mantém comunhão com Deus por meio de Cristo. Quando a expiação é feita, a ira de Deus é removida. Romanos 3.25a faz menção de um sacrifício que remove a ira, ou propiciatório, a saber, o próprio Cristo Jesus. A doutrina da expiação consiste em que Deus pronunciou a absolvição sobre o homem que tem fé em Cristo no presente, antecipando a sua salvação no juízo final.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: LPC, 1990.

BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORN, A. Van Den (Redator). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2002.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2006.

HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela Graça**: doutrina bíblica da salvação. Tradução de Wadislau Gomes Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristão, 2002.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2002.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Junior. São Paulo: Hagnos, 2003.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida, 2003.

MURRAY, John. **Romanos**. São Paulo: Fiel, 2003.

STOTT, John. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 1991.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*